

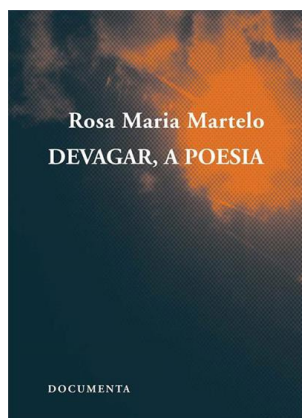
# RESENHAS



# UM DIZER MAIS REAL E DENSO RESENHA DE *DEVAGAR A POESIA* DE ROSA MARIA MARTELO

## A MORE REAL AND DENSE WAY OF SAYING REVIEW OF *DEVAGAR A POESIA* BY ROSA MARIA MARTELO

*Nuno Brito*<sup>1</sup>



“Como qualquer outra arte, a poesia produz uma interrupção no curso do tempo, e essa intempestividade é experimentada de forma literária tanto por quem a escreve quanto por quem a lê” (Martelo, 2022, p. 11): assim começa o preâmbulo de *Devagar a Poesia*, de Rosa Maria Martelo, livro que reúne um conjunto de ensaios sobre a relação plural e complexa entre poesia e lentidão em que a autora reflexiona de uma forma sincera e consistente sobre uma conexão de essência e de centralidade que une a experiência poética a uma desaceleração que permite intensificar o mundo e vivê-lo de uma outra forma.

Ainda no “Preâmbulo”, são estabelecidos os fios centrais que unem os onze ensaios deste conjunto mostrando que o objetivo do livro é “procurar apreender a experiência temporal expansiva gerada pelo discurso poético enquanto forma de resistência” (Martelo, 2022, p. 11). Para Rosa Maria Martelo, “a poesia cria linhas de distensão temporal, dando-nos a possibilidade de experimentar um discurso essencialmente livre” (Martelo, 2022, p. 12). Resistência e liberdade são, por isso, temas centrais através dos quais reflexiona sobre poesia e lentidão. Para a autora, a poesia,

pela sua natureza libertária, não pactua com o esquecimento dos erros e das sujeições do passado. É deles que nos preserva quando nos faculta uma outra experiência do tempo, mais introspectiva e menos maquínica, ou quando ouve e experimenta o que alguns, antes de nós, sonharam como possível. Quando valoriza e exemplifica a dúvida, a possibilidade e a expectativa, a poesia preserva-nos do pior, ainda que não lhe caiba mostrar-nos um caminho a seguir (Martelo, 2022, p. 13).

Esse mesmo carácter de interrupção é um elemento gerador de negatividade e intervalo, e por isso mesmo, gerador de singularidade, vitalidade e resistência contra as formas homogêneas de massificação; dessa forma a poesia atua como uma forma de verticalidade contra um pensamento dominante e uniforme.

Logo no capítulo inicial, a autora reflexiona como as correntes ligadas ao modernismo privilegiaram a velocidade e a aceleração das imagens, velocidade febril que se sente pulsar em poemas como “Ode Triunfal” e “Ode Marítima”, de Álvaro de Campos, ou também em “Manicure”, de Mário de Sá Carneiro; aceleração esta reflexionada em autores como Jean Epstein, que a sentem necessária e indispensável ao processo poético. A ideia do poema como uma cavalgada de metáforas empinadas ou sucessão rápida de imagens encontra reflexo também em outras artes das primeiras décadas do século XX. Rosa Maria Martelo alude ao facto de uma parte significativa do filme **Emak Bakia** (1926), de Man Ray, ter sido filmado a partir de um automóvel em movimento e que numa das cenas, a máquina é atirada ao ar em pleno funcionamento para que, livre da mão humana, possa apreender a vertigem da sua própria queda. A essa euforia inicial da velocidade irá suceder um processo de desaceleração, momento que a poeta e ensaísta alia a um extremo cansaço, ou “transtorno por défice de atenção com hiperactividade, que decorrem precisamente de um excesso de resposta positiva por parte do próprio sujeito (...) a sociedade da realização individual voluntariamente competitiva, do empreendedor que a si próprio coloca metas no limite das suas forças” (Martelo, 2022, p. 27). Para isso reflete sobre o livro **Sociedade do Cansaço** (1967), de Byung-Chul Han, e a ideia central de que uma sociedade que explora a hiperprodutividade e a hiperconexão é também uma sociedade “incapaz de negatividade, incapaz de criar cordialidade, incapaz de interrupção” (Martelo, 2022, p. 27). A essa fadiga “muda e alienante” gerada pela sobreprodução, o sobre rendimento e a sobre comunicação, muita da poesia mais recente responde com a lentidão, a pausa e a negatividade. Para a autora, essa lentidão é em si uma resposta mas também um paradoxo, uma vez que o ofício poético está conectado a uma intensificação da velocidade de pensamento que é inerente à sua natureza e essência; intensificação das vivências e do mundo que passa por ligações diretas que subvertem o senso comum e o discurso comunicativo e que faz do dizer poético, nas palavras de Lawrence Ferlinghetti: “a distância mais curta entre duas pessoas” (Ferlinghetti, 2016, p.55), ofício feito de derivas e derivações, metáforas, metonímias, sinédoques, sinestésias que permitem

pensar e sentir com menos extensão sintáctica e menos obstáculos semânticos. Dessa forma, a intensificação do mundo que a poesia traz é sempre rápida quando contrapõe a lentidão face à hiperexcitação contemporânea e ao privilégio dos estímulos e de um preenchimento vazio do tempo e do espaço. Rosa Maria Martelo insiste, por isso mesmo, em recolocar a pergunta “Por que dizer, então, devagar a poesia?” Pergunta também ela geradora de uma desaceleração, de uma interrupção e de uma abertura ao diálogo. Se um mundo de superprodução exige que quantifiquemos e preenchamos todo o tempo e todo o espaço a “poesia exige que façamos um parêntese”, que criemos interrupções vitais. Dá o exemplo da criação poética de Rui Pires Cabral no âmbito da *collage* digital, da vídeopoesia e da animação *stopmotion* como sinais dessa mesma desaceleração vital, de um ofício de refazer ligações e de colocar em contacto diferentes linguagens de uma forma interartística. Sinal dessa mesma desaceleração é também uma revalorização a nível editorial dos processos artesanais e mais lentos de publicação, processos que revelam uma valorização da singularização identitária contra a massificação, traço marcante na poesia portuguesa do século XXI. Para a autora, a poesia resiste igualmente a todo o novo vocabulário (novilíngua) que a lógica mercantil tenta impor dando-nos provas: “de haver algo de muito errado num mundo em que o mercado e as relações de compra e venda são hipervalorizadas e dadas como matriciais”. E para isso uma nova pergunta é colocada como título de capítulo: “A Poesia é uma forma de resistência?”. Mais do que tentar responder, a autora faz das perguntas aberturas com as quais diferentes poemas dialogam, pontos iniciais de reflexão: Alberto Pimenta, Hélia Correira, Adília Lopes, Mário Cesariny, Herberto Helder ou Carlos de Oliveira vão ser centrais neste pensamento, mas também poetas como José Miguel Silva ou Manuel de Freitas, assim como Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena, que serão destacados mais atentamente no capítulo: “Dias da Revolução”.

**Devagar a Poesia** acaba de uma forma fortíssima e de grande vitalidade com os textos: “Fim do Mundo: Reiniciar” e “Notas para a salvação do mundo”, este último, um texto integrado nos Seminários de Salvação do Mundo organizado por Pedro Eiras para o Instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras do Porto.

Avisa-nos ainda Rosa Maria Martelo, no início da leitura, que a maioria destes textos foram escritos num período pré-pandemia que transformou drasticamente o nosso mundo, “ao longo de uma década em que a crise climática e o desequilíbrio ecológico se agravaram notoriamente, bem como a aceleração dos ritmos de vida, um extractivismo cada vez mais desmesurado” (Martelo, 2022, p. 12), um mundo, que por momentos se pode parecer “Ferido de estranha irrealidade”, mas no qual o dizer poético é o que se mantém “mais tremendamente real e denso” (Martelo, 2022, p. 13), mostrando um mundo mais complexo e que resiste ainda com mais força à hipersimplificação, à categorização e à recusa em ver a diferença. Este livro procura ver, de uma forma intensa e profunda, em diálogo com um vasto conjunto de textos poéticos e teóricos como esse dizer denso parte de

um exercício de intensidade e desaceleração vital, e parte por isso de um pensar por dentro — criativo, inteligente, transparente e crítico — a poesia enquanto lugar aberto à complexidade do mundo e das histórias que nos tecem, lembrando-nos um pouco mais do que é importante e isso é necessário sempre e cada vez mais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTELO, Rosa Maria. **Devagar a poesia**. Lisboa: Documenta, 2022.

FERLINGHETTI, Lawrence. **A poesia como arte insurgente**. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

*Recebido para avaliação em 12/07/2024.*

*Aprovado para publicação em 26/02/2024.*

## NOTA

1 Nuno Brito é professor visitante na Universidade de Búfalo em Nova York. É doutorado em Literatura Brasileira e Portuguesa pela Universidade da Califórnia em Santa Barbara. Desenvolve pesquisas sobre poesia brasileira e portuguesa moderna e contemporânea e sobre a pedagogia no ensino da língua e literatura.